

DESPORTO e educação física

por uma educação física activa

FINALMENTE começa a compreender-se que o Desporto não é esse lamentável e triste espectáculo dos campos de futebol e das assembleias gerais dos grandes trusts futebolísticos, onde a cultura física cede o seu lugar à brutalidade, aos interesses económicos e a má lingua; finalmente, começa a falar-se a sério do papel educativo do desporto sem atender aos interesses das grandes empresas desportivas; finalmente, o desporto é julgado como um precioso elemento na educação dos jovens; finalmente o desportista deixou de ser o que vai para um campo jogar sem preparação conveniente e por mero espírito de emulação, o leitor desauatinado dos órgãos da especialidade, ou o espectador apaixonado, o desportista de bancada ou do peão. Finalmente!

Salientemos por amor da justiça o papel de certa imprensa independente e sobretudo do semanário «O Diabo» que, em sucessivos artigos de Fernando Santos, H. M. e Tavares Júnior, tem focado o assunto com largueza.

«Sol Nascente», não ignorando o papel do desporto na vida moderna e o seu valor pedagógico, manifesta a mais viva solidariedade aos que se batem por um desporto livre e saudável, pelo verdadeiro desporto.

futebol em Portugal

A falta de outra coisa que faça vibrar o nosso povo, o Futebol tomou fôros de psicose nacional. A única manifestação de carácter nacional da Academia de Coimbra—que pelo ambiente propício da cidade constitui, ainda, o único meio universitário do país—é a representação da Associação Académica no campeonato nacional de Futebol. O caso da A. Académica é um exemplo que, por convincente, citamos. Em Lisboa e Porto, o Futebol é o grande chamariz das multidões e o «leit-motiv» das correntes de opinião.

A última derrota da selecção portuguesa frente ao grupo representativo da Suíça tomou fôros de luto nacional. O público assobiou os jogadores, os jornais gritaram em alarido, uma calamidade. Quere dizer, não sabemos o que é o Desporto, o nosso público não tem a menor ideia das suas contingências, nem os nossos jornalistas—salvo raríssimas excepções—sabem o que andam a fazer. Realmente é assim. O Desporto—como de resto tudo que se pratica neste «jardim à beira mar plantado»—é uma grosseira caricatura do que se faz lá fora. Os campos, talvez para demonstrar a originalidade do nosso génio, são, ao contrário de em toda a parte, em salbro e, talvez, ainda venhem a ser de cimento para durar mais tempo. Os tais «profissionais» morrem desamparados—tuberculosos; uns, é o caso do José Reis; doidos outros, é o caso de Justo—e vivem em regime de animal de aluguer. Os grandes Clubes tem só uma finalidade: ganhar campeonatos. A selecção nacional joga mesmo sem treinos, sem tática e sem técnica, porque o essencial é chegar ao fim do jogo com uma vitória, sem olhar a meios, mesmo que os visitantes digam depois que não temos categoria. Ora, enquanto o Futebol for assim só faremos resultados de sorte, como um pacóvio que jogasse à roleta.

No meio da balbúrdia houve, felizmente, alguém que se salvou: O sr. Cândido de Oliveira, seleccionador único, para muitos o responsável n.º 1 da tragédia das Salésias—segundo o fraseado de certos jornalistas encartados—que depois de ouvir todas as boboseiras possíveis, resolveu pacientemente elucidar o público através de alguns admiráveis artigos publicados em «O Século» e ofereceu um almoço íntimo à «familiarizada» selecção.

Noutro país, que não o nosso, o Portugal-Suíça era apenas um desafio de Futebol, infeliz para os representantes nacionais; em Portugal, foi um caso sério, o acontecimento nacional, o que vem mais uma vez demonstrar o grau atrasadíssimo da nossa cultura e da nossa educação cívica.

HOJE, que o Homem, mercê das comodidades da vida moderna, dos erros de higiene, da sedentariedade quasi obrigatória dos meios citadinos, se estiola, é um dever imperioso reconhecer a necessidade do equilíbrio físico, de lutar pela fórmula latina «mens sana in corpore sano», de evitar o predomínio da cultura do espirito sobre o da matéria, ou o da matéria sobre o do espirito.

Temos, infelizmente, no nosso país, muita gente com responsabilidades de dirigente, para quem o problema do desporto não passa dum «divertimento» de rapazes; um número elevado de individuos a que só o desporto interessa, não lhes dando preocupação os problemas do espirito. Estes reforçam o seu desdém por problemas mais elevados do homem, pela attitude conselheiral e absolutamente fóra do tempo dos primeiros; os primeiros igualmente se fincam no seu ponto de vista pelas barbaridades sem número e sem nome que vem cometer aos adeptos do «músculo». Nem uns nem outros têm razão; a razão encontramos-a tão só no adágio latino, no equilíbrio entre as coisas do físico e as coisas do espirito.

Os primeiros, fazendo uma vida só do espirito e para o espirito, esquecem a condição física em que nascemos, e que o nosso corpo, como o de qualquer outro animal, mesmo como o próprio espirito, precisa de movimento. Mestres da observação, não observam que tudo o que é vivo tem de estar em constante contacto com a terra, o sol, a água, e que a inobservância desta lei traz a doença, a infelicidade, todos os males físicos do homem que vive a nossa falsa civilização.

Os segundos, fazendo do «músculo» a «finalidade» da vida, incorrem num erro tão grave como os primeiros. Porque a Educação Física não deve constituir uma «finalidade»—deve ser um «meio» que permita ao Homem desenvolver uma actividade mental mais prática, mais eficiente e mais real.

No número elevadíssimo de rapazes a quem o desporto interessa, o maior é porém o daqueles a quem interessa «passivamente». São eles os que enchem os estádios para seguir, apaixonados, o desenrolar dum espectáculo que chamam «desporto»; são eles os que nas tabernas e nos cafés (o sentido destas duas palavras é o mesmo, a diferença é apenas o trajo dos que os frequentam e o tóxico que in-

gerem) pleiteiam como «Causa Desportiva» o que não é mais do que um mesquinho interesse de clube—política de campanário aplicada às colinas de Educação Física. São estes os mais perigosos e os mais dignos de lástima, porque nem do espirito nem do corpo cuidam; são os que vem para os jornais pedir a construção de estádios, não se lembrando que, para a prática do desporto, o que é necessário em primeiro lugar é o monitor de educação física, porque um local para o praticar em qualquer parte se improvisa—a questão é haver boa-vontade; o estádio que pedem é o circo romano; as pugnas do estádio, as lutas ferozes dos gladiadores, com um rótulo mais moderno, mais «civilizado», a «armar» ao regionalismo ou ao sentimentalismo (passe o paradoxo, mas o desporto português não tem sido mais do que um paradoxo).

O que é necessário é lutar por uma Educação Física, prática e activa; levar o espectador desde a sua bancada ou peão, até ao centro do campo, e reeducá-lo para a vida natural, preparando-o assim para melhor lutar na sua vida diária; trazer até à vida desportiva o trabalhador do espirito, e dar-lhe músculos que, alicerçando as suas mentes ricas, maiores probabilidades dêem à colectividade de aproveitar as suas qualidades; habituar o homem a integrar-se na natureza, e dar-lhe a conhecer as coisas belas que a Vida lhe oferece, e que, por si só, podem constituir um ideal de felicidade.

PEREIRA DA COSTA

UM BELO LIVRO
DE POEMAS:

As três pessoas

de
Polibio Gomes
dos Santos

UM ELEGANTE VOLUME COM CAPA
A DUAS CÔRES E UM DESENHO

7\$50

Pedidos ao «Sol Nascente»

Courça de Lisboa, 38

— COIMBRA —